REVISTA EXPECTATIVA
Secretariado | Gestão | Comunicação
ISSN: 1982-3029

Organização: Curso de Secretariado Executivo | Unioeste
Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/expectativa

Avaliado pelo sistema *double blind review*
Recebido: 09-10-2022 | Revisado: 11-07-2024 | Aprovado: 05-08-2024
https://doi.org/10.48075/revex.v23i3.29937

A relação entre crenças e práticas de leitura acadêmica dos alunos de Secretariado Executivo da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

The relationship between beliefs and academic reading practices of Executive Secretariat students at the Federal University of Sergipe (UFS)

Maria Madalena Bispo Dos Santos[1], Igor Gadioli Cavalcante[2], Silvia Regina Paverchi[3]

[1] Universidade Federal de Sergipe, Brasil, Bacharela em Secretariado Executivo, e-mail: madaexecutiva29@gmail.com
[2] Universidade Federal de Sergipe, Brasil, Mestre em Linguística, e-mail: igorgadioli@gmail.com
[3] Universidade Federal de Sergipe, Brasil, Doutora em Comunicação, e-mail: silviapaverchi@yahoo.com.br

RESUMO

O tema deste estudo foi as crenças e as práticas de leitura acadêmica, a vista disso investigou-se: qual a relação entre as crenças e as práticas de leitura acadêmica dos discentes de Secretariado Executivo da Universidade Federal de Sergipe (UFS)? Dessa forma, o objetivo geral consistiu em investigar a relação entre as crenças e as práticas de leitura acadêmica desses alunos. O estudo partiu de um levantamento teórico sobre crenças e práticas de leitura, possui uma abordagem qualitativa com natureza descritiva. Realizou-se entrevista semiestruturada com três discentes da turma de 2018 do curso de Secretariado Executivo pelo *Google Meet*. Observou-se que os entrevistados acreditavam que foram incentivados a ler durante a graduação pelos professores, porém havia outros fatores os quais frustravam e desmotivavam os acadêmicos que não conseguiam compreender a leitura, tal como excesso de formalidade, os jargões, a linguagem rebuscada, a leitura densa, bem como a falta de tempo. Concluiu-se, ainda, que as práticas de leitura acadêmica são predominantemente influenciadas pelas crenças.
Palavras-Chave: Crenças. Práticas de leitura. Secretariado Executivo.

ABSTRACT

The theme of this study was the beliefs and practices of academic reading, in view of this, it was investigated: what is the relationship between the beliefs and practices of academic reading of the students of the Executive Secretarial of the Federal University of Sergipe (UFS)? Thus, the general objective was to investigate the relationship between the beliefs and academic reading practices of these students. The study started from a theoretical survey about beliefs and reading practices and has a qualitative approach with a descriptive nature. A semi-structured interview was carried out with three students from the 2018 class of the Executive Secretariat course by Google Meet. It was observed that the interviewees believed that they were encouraged to read during graduation by the professors, but there were other factors which frustrated and discouraged the academics who could not understand reading, such as excessive formality, jargon, fancy language, dense reading, as well as like lack of time. It is also concluded that reading practices are predominantly influenced by beliefs.
Keywords: Beliefs. Reading Practices. Executive Secretarial.

1 INTRODUÇÃO

As experiências ao longo da vida constroem e interiorizam as nossas crenças que representam nossos pontos de vista, opiniões e pensamentos, refletindo na maneira como observamos a realidade e, por conseguinte influenciando nossa percepção de mundo e nossas ações, pois "fazem parte da construção do nosso ser, implicando em nossas decisões, ações e emoções" (nascimento; oliveira; oliveira, 2020, p. 72). Desse modo, elas ajudam a constituir aquilo que somos - todo indivíduo acredita em algo - aliás, até mesmo o fato de não crer implica em uma crença.

Considerando que as crenças implicam em nossas ações, podemos concluir que elas também influenciam o processo de leitura e aprendizagem. "a leitura deve ser vista como um conjunto de comportamentos que se regem por processos cognitivos armazenados na memória do indivíduo, os quais afloram durante o contexto da atividade leitura" (silva, 2011, p. 22).

Em vista disso, investigamos a relação entre as crenças e as práticas de leitura acadêmica dos discentes de secretariado executivo da ufs. Em termos específicos, os objetivos são: a) descrever as crenças dos discentes de secretariado executivo da ufs sobre a leitura acadêmica; b) descrever as práticas de leitura acadêmica dos discentes de secretariado executivo da ufs; c) estabelecer uma relação entre as crenças e as práticas de leitura acadêmica dos discentes de secretariado executivo da ufs.

O estudo justifica-se pelo fato de que a leitura é essencial na formação acadêmica e atuação profissional desses alunos; ademais, faz-se necessário conhecer as práticas leitoras dos discentes para compreender como ocorre sua compreensão escrita. Dauster nos lembra da relevância da leitura no ensino superior:

> No Ensino Superior, a leitura é um dos elementos essenciais para o desempenho acadêmico, pelo fato de se exigir que o aluno tenha uma metodologia individual, autônoma e eficiente de leitura. Desse aluno se espera que assuma a posição de coautor na construção dos conhecimentos legitimados nessas instituições e demonstre um perfil de leitor-acadêmico (DAUSTER, 2003 *apud* TANZAWA; PULLIN, 2012, p. 266).

Nota-se que a leitura contribui para o desenvolvimento acadêmico dos discentes e para obtenção de novos conhecimentos dos quais eles poderão ser os coautores. Além disso, colabora

para os alunos desenvolverem senso crítico, podendo expressar e argumentar suas opiniões e ideias de maneira clara e concisa, sendo mais bem compreendidos.

Considerando duas das atribuições do Secretário Executivo de acordo com a Lei nº 7.377/85, artigo 4º, "IV - redação de textos profissionais especializados, inclusive em idioma estrangeiro e V - interpretação e sintetização de textos e documentos" (BRASIL, 1985), percebe-se que a leitura e a escrita são habilidades necessárias para o êxito na execução dessas competências.

Diante disso, a pesquisa foi realizada com a turma de 2018, no ano de 2022, visto que à época da pesquisa os alunos estavam concluindo a graduação e cursavam a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Isto é: conheciam a carga teórica de cada disciplina e estavam no estágio de maior prática de leitura. Portanto, acreditamos que esses discentes poderiam contribuir para entendermos como se dão as crenças e as práticas de leitura no curso; assim, elencamos o que eles acreditavam e o que praticavam referente à leitura acadêmica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CRENÇAS

As nossas concepções estão presentes no modo como construímos o conhecimento, agimos como pessoas e como profissionais. Observa-se, empiricamente, que as crenças adquiridas no convívio social são levadas para a sala de aula, interferindo no processo de ensino-aprendizagem (AGUIAR, 2014). Dessa forma, as crenças estão presentes em sala de aula e influenciam o processo de aprendizagem e a maneira de se aprender.

Algumas crenças são impostas às pessoas e elas nem as percebem - apenas as reproduzem. No entanto, com o tempo, com as novas vivências e relações que são construídas e os novos ambientes a que se tem acesso, o conjunto de crenças é ampliado e modificado.

O conjunto de crenças de um indivíduo é constituído por suas experiências, personalidade, fatores cognitivos, culturais, influência do contexto, pela interação social e pela relação que o sujeito estabelece com o ambiente onde vive (BARCELOS, 2004; NEVES, 2004; NASCIMENTO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2020).

As nossas crenças surgem já na infância e podem tanto modificar-se com o tempo e as relações que criamos quanto nos modificar. Além disso, elas também podem ser culturais,

reproduzidas de geração a geração como verdades, já que quanto mais acreditamos em algo, mais cultivamos e fortalecemos as nossas ideias e opiniões.

Barcelos (2007) caracteriza as crenças dividindo-as em sete categorias: 1) Dinâmicas; 2) Emergentes, socialmente construídas, e situadas contextualmente; 3) Experienciais; 4) Mediadas; 5) Paradoxais e contraditórias; 6) Relacionadas à ação de uma maneira indireta e complexa e 7) Não tão facilmente distintas do conhecimento.

Compreende-se que as três primeiras concepções de crenças são referentes à ideia de que elas podem ser momentâneas, ou seja, mudam e surgem com o tempo e a partir de novas experiências. Já os últimos conceitos mostram que as crenças podem ser contraditórias por serem sociais, individuais e únicas, e estarem ligadas à ação e ao conhecimento.

"O conjunto de valores de uma cultura e nossa aceitação ou rejeição desses valores são frequentemente baseados em nosso próprio sistema de crenças culturais" (AZEVEDO; LEMOS, 2018, p. 238). Quando construímos as nossas crenças, às vezes ignoramos a ideia de as pessoas possuírem crenças distintas e que também são tidas como verdadeiras, as quais podem revelar uma versão que desconhecemos sobre aquilo que acreditamos.

Isso acontece porque o ser humano tem a tendência de rejeitar e destruir as crenças do outro que são diferentes das suas por considerá-las absurdas e/ou más, dificultando assim mudança de opinião diante de novas evidências (SHERMER, 2012).

As pessoas possuem inúmeras crenças de naturezas diversas e as suas ações podem ser influenciadas por aquilo que acreditam. Contudo, às vezes ocorre de forma tão natural que nem notam que aquela ação foi norteada por uma ou mais crenças. O mesmo ocorre com a leitura acadêmica, algumas crenças podem influenciar na prática leitora do discente determinando, por exemplo, o que ele lê, como lê e o motivo de ler ou não algo.

2.2 PRÁTICAS DE LEITURA

Ler e estudar são atividades inter-relacionadas, porém não são a mesma atividade. O estudo compreende a leitura, mas não é feito somente dela; já a leitura é uma atividade base do estudo (SOUZA, 2017). Por isso, a leitura é indispensável na academia, onde são formados profissionais para o mercado através de práticas letradas.

No processo de leitura todo o conhecimento preliminar do leitor acerca do conteúdo, assim como sua bagagem cultural, auxilia na construção de significado e compreensão de um texto. Assim, "considerar o leitor e seus conhecimentos e que esses conhecimentos são diferentes de um leitor para outro implica aceitar uma pluralidade de leituras e sentidos em relação ao mesmo texto" (KOCH; ELIAS, 2008, p. 21). Ou seja, o mesmo texto poderá ter diversas interpretações; enquanto algumas poderão ser mais parecidas, outras serão totalmente divergentes.

A interpretação que temos de um texto depende, em partes do objetivo da leitura, ou seja, é possível que dois leitores com finalidades diferentes extraiam informações distintas do mesmo conteúdo (SOLÉ, 2008). Compreende-se que toda a bagagem de conhecimento que possuímos e o propósito que temos para ler são as peças-chaves para a interpretação, compreensão e entendimento do texto.

A leitura abre caminhos para a imaginação, criatividade, aprendizagem, inclusão e oportunidades, uma vez que o sentido maior é garantir a escrita como um bem cultural no processo de ampliação e compreensão do mundo, e a leitura é um processo longo que deverá ser iniciado, provocado, sustentado e desenvolvido durante as experiências escolares (SILVA, 2011).

Percebe-se que o hábito de leitura deveria ser constituído e aprimorado desde o ensino básico e espera-se que na graduação os discentes possuam um nível de leitura mais sofisticado, porém é comum observar dificuldades de leitura e compreensão nessa esfera. Esse problema pode derivar da falta do hábito de ler, da falta de tempo, da precariedade do ensino anterior, do estilo rebuscado do conteúdo e da desmotivação, dentre outros fatores.

A leitura como um processo de interação leitor-texto envolve a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto, e também implica que sempre lemos para alcançar alguma finalidade. O leque de objetivos do leitor é amplo e variado: devanear, divertir-se, procurar uma informação concreta, informar-se ou refutar um conhecimento prévio, dentre outros (SOLÉ, 2008).

Ler é uma atividade que pode exigir mais ou menos esforço, dependendo da finalidade da leitura ou da complexidade do estudo a ser realizado (SOUZA, 2017). Para o exercício da leitura não se perder é preciso que o leitor defina objetivos; Koch e Elias (2008) explicam que são eles que nortearão o modo de leitura, se será com mais ou menos tempo, atenção e interação.

Logo, compreendemos que a prática de leitura deve ocorrer conforme os propósitos do leitor. Portanto, ter objetivos definidos facilita a manutenção da prática de leitura acadêmica que tem como uma das suas finalidades principais provocar o aprendizado. Ademais, o hábito de ler pode começar aos poucos com assuntos que o discente tenha afinidade ou interesse - conforme Souza (2017), o importante é avançar nos níveis de leitura da forma mais cômoda e livre que se conseguir.

Além das metas é possível, ainda, seguir o que alguns autores chamam de estratégias do leitor ou de leitura que colaboram nesse processo. Segundo Kleiman (2002), elas são classificadas em cognitivas e metacognitivas. As estratégias metacognitivas seriam aquelas realizadas com algum objetivo em mente e temos o controle consciente, conseguindo explicar a nossa ação. Já as cognitivas seriam aquelas operações inconscientes do leitor, pois ainda não tem um objetivo.

Desse modo, essas estratégias são técnicas que os leitores utilizam para facilitar a leitura e compreensão de um determinado texto; elas apontam caminhos para o êxito na leitura. Porém, além das estratégias cognitivas e metacognitivas também há outros mecanismos que estão inter-relacionados às técnicas e ajudam a criar o costume de ler, como os quatro princípios de leitura apresentados por Souza (2017): interesse, objetivo geral, concentração e determinação.

O interesse vai depender do valor que damos ao resultado e os benefícios que a leitura nos proporcionará. O segundo princípio trata-se de ter um objetivo claro e definido que está relacionado ao interesse. Em relação à concentração é imprescindível que o cérebro esteja livre para se dedicar à leitura e evitar desviar ou diminuir a atenção durante o exercício. Por fim, a determinação é a energia que usamos para concluir alguma coisa, ela implementa características positivas como persistência e disciplina ao nosso comportamento (SOUZA, 2017).

Com esses quatros princípios estabelecidos é possível desenvolver e manter a prática de leitura, uma vez que o leitor estará focado, concentrado e determinado a atingir uma meta conforme seus interesses. Para a prática de leitura acadêmica é essencial que o estudante assuma o lugar de leitor ativo que o permite conversar com o texto e compará-lo a outras obras.

A leitura bem-sucedida depende da nossa capacidade de entender e compreender o texto, e a leitura ativa é o caminho para atingir tal sucesso (SOUZA, 2017). Se não compreendemos o que lemos, muito provavelmente a leitura foi em vão, por isso o êxito da leitura está atrelado

à compreensão. Ainda, segundo Souza (2017), a leitura ativa ajuda a reforçar o entendimento e compreensão daquilo que você lê, provocando a necessidade de refletir, relacionar e validar.

No âmbito acadêmico é ainda mais clara a necessidade de entender o que se está lendo, muitas vezes é preciso reler o texto mais de uma vez para compreendê-lo, porque o texto possui excesso de jargão, formalidade, vocabulário rebuscado, e falta de concisão, dificultando a compreensão do leitor. De acordo com Pinker (2016), geralmente as pessoas que escrevem esses textos sofrem da chamada "maldição do conhecimento", que se trata da dificuldade em imaginar como é para outra pessoa não saber alguma coisa que você sabe. Destarte, não se preocupam em explicar o jargão, sua lógica, ou fornecer pormenores necessários para melhor compreensão do leitor.

Em razão disso, Pinker aconselha que os leitores utilizem o dicionário para compreender os termos técnicos:

> Leitores que querem se tornar escritores deveriam ter à mão um dicionário quando leem (há vários deles disponíveis como aplicativos de smartphones) e os escritores não deveriam hesitar em remeter leitores a consultá-los, se a palavra é apropriada do ponto de vista do sentido, evocativa no som e não tão obscura que o leitor nunca mais a encontrará (PINKER, 2016, p. 35).

Para alguns discentes o primeiro contato com produções científicas é no ensino superior; dessa forma muitas vezes o estudante não tem conhecimento prévio para uma compreensão suficiente do que está lendo.

> [...] A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização do conhecimento já adquirido pelo leitor, pois sem esse conhecimento ou com a sua limitação, não haverá compreensão, ou pelo menos, haverá um comprometimento em relação ao seu significado (SANTOS, 2006, p. 81).

Desse modo, entende-se que a compreensão depende, em partes, do histórico de conhecimento o qual o leitor possui que por sua vez é adquirido através da leitura; por isso, Souza (2017) explica: a maioria das dificuldades de compreensão está diretamente ligada à falta de prática e interesse pela leitura.

Os alunos que possuem dificuldade de ler e construir o hábito da leitura, e chegam ao nível superior de ensino, encontram obstáculos quando se deparam com disciplinas mais teóricas e textos mais densos. É notória a necessidade da prática de leitura acadêmica, mas o interesse deve partir do estudante, que é o principal interessado e beneficiado. Apesar disso, ele

também precisa ser estimulado pelos professores que possuem papel fundamental na formação do indivíduo.

Além de ativar o cérebro e ser um exercício para a mente, a prática de leitura acadêmica proporciona inúmeros benefícios para o leitor, uma vez que possibilita expandir o conhecimento e aprofundar-se nos assuntos da sua área de formação.

A leitura para aprender só é bem-sucedida através da leitura analítica e/ou sintópica. Na leitura analítica, pode-se ter uma ideia geral do assunto e ainda perceber implicações mais profundas. Além disso, é possível encontrar e entender as relações entre as diferentes partes de um livro. Já a leitura sintópica, por sua vez, é de um nível mais avançado, profundo e completo; nela o leitor não só consegue compreender as ideias essenciais do texto reveladas na leitura analítica, como também consegue comparar uma obra com outra, ou várias outras (SOUZA, 2017).

Quando o aluno consegue associar e relacionar um texto a outros materiais como artigos e livros de mesmo autor ou autores diferentes, torna-se evidente o seu aprendizado e domínio do assunto. Portanto, o discente que consegue desenvolver e manter este nível elevado de prática de leitura possui vantagens significativas na aquisição e utilização do conhecimento em relação àquele que tem um hábito menos sofisticado de leitura.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho partiu de um levantamento bibliográfico, é de natureza descritiva com uma abordagem qualitativa. “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Para Marconi e Lakatos (2003), trata-se de um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, que são capazes de fornecer dados atuais e relevantes sobre o tema.

Desse modo, os materiais disponíveis acerca da temática serviram de apoio para o desenvolvimento da pesquisa. Isto é, livros, publicações periódicas, teses e trabalhos acadêmicos são exemplos de fontes bibliográficas que colaboraram para embasar o estudo.

Este trabalho trata-se, também, de uma pesquisa de natureza descritiva que tem “como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002, p. 42).

Nas pesquisas descritivas não há interferência do pesquisador, ele apenas registra e descreve os fatos observados, ou seja, os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador. Esse tipo de pesquisa envolve o uso de técnicas específicas na coleta de dados, tais como entrevista, questionário, teste e observação (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Por este motivo o estudo é descritivo, uma vez que o objetivo é descrever as crenças sobre leitura acadêmica e as práticas de leituras dos discentes sem interferir nas respostas destes e que foram obtidas por meio da técnica de coleta de dados – entrevista semiestruturada.

Em relação à abordagem, sabemos que a metodologia de pesquisa se divide em: quantitativa e qualitativa. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 70), na "pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números". Ainda de acordo com esses autores, esse tipo de abordagem não utiliza dados estatísticos, pois se preocupa mais com o processo do que com o produto.

Mediante o exposto, este estudo, realizado em 2022, baseou-se na abordagem qualitativa em que investigou a relação entre as crenças e as práticas de leitura acadêmica dos discentes da turma de 2018 do curso de Secretariado Executivo da UFS, que no momento da pesquisa estavam cursando o 8º Período. Nesse sentido, a técnica de coleta de dados utilizada no artigo foi - entrevista semiestruturada.

"A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional" (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 195).

O objetivo da entrevista foi identificar quais são as crenças sobre a leitura acadêmica e as práticas de leitura dos referidos alunos. Existem alguns tipos de entrevista, dentre as quais a entrevista semiestruturada, que foi a utilizada neste trabalho. Segundo Zambello *et al.* (2018), este formato de entrevista oferece mais flexibilidade ao pesquisador, permitindo-o refazer e/ou reformular as perguntas para melhor compreensão do entrevistado, além de poder certificar-se de que foi entendido.

Na entrevista semiestruturada, "o roteiro pode possuir até perguntas fechadas, geralmente de identificação ou classificação, mas possui principalmente perguntas abertas, dando ao entrevistado a possibilidade de falar mais livremente sobre o tema proposto"

(MINAYO, 2008 *apud* GUERRA, 2014, p. 20). Dessa forma, na entrevista realizada com os discentes optou-se por utilizar apenas questões abertas.

O universo da pesquisa é composto por 33 discentes da turma de 2018 do curso de Secretariado Executivo da UFS, que continuaram com vínculo ativo no curso. As entrevistas foram realizadas com três alunos em uma única etapa, utilizando-se a plataforma *Google Meet* no período de 09/03/2022 a 12/03/2022. A escolha desses três estudantes justificou-se pela facilidade de contato com eles, considerando que à época da entrevista ainda estávamos na pandemia e sem aulas presenciais há 2 anos, o que resultou no distanciamento com a maioria dos alunos.

Não havia tempo de duração pré-estabelecido para as entrevistas, dessa forma a duração variou conforme o andamento delas, a entrevista 1 durou cerca de 50 minutos, enquanto a entrevista 2 teve aproximadamente 20 minutos e a entrevista 3 chegou a 30 minutos

Marconi e Lakatos (2003) asseguram que as respostas devem ser anotadas no momento da entrevista, a fim de garantir a fidelidade e a veracidade das informações; os autores ainda recomendam o uso de gravador, se o informante concordar com a sua utilização. Desse modo, a partir da autorização dos entrevistados, todas as entrevistas foram gravadas pelo recurso do *Windows* e transcritas, posteriormente, para facilitar a análise.

3.1 DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A fim de manter as informações dos discentes entrevistados em sigilo, atribuímos-lhes os nomes fictícios: Paola, Miguel e Joana, que correspondem às entrevistas 1, 2 e 3 respectivamente, a fim de preservar-lhes a identidade.

Paola é uma mulher, mãe, casada, tinha 29 anos à época da pesquisa e morava em Aracaju, mas é natural da cidade de Coruripe – Alagoas. Inicialmente, Secretariado Executivo não era sua opção de curso e ela nem sabia que existia graduação para essa área; contudo, após uma pesquisa nos cursos da UFS, o encontrou e gostou da grade. Foi então que ela decidiu se inscrever e passou. Paola era bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Cientifica (PIBIC), ela estava no oitavo período, cursando a disciplina de TCC 1 e no próximo período concluiria a graduação e pretendia seguir a carreira acadêmica.

Miguel tinha 26 anos à época da pesquisa, é de Porto Real – Alagoas, mas residia em São Cristóvão - SE em razão da universidade. Ele queria fazer Design de moda, porém optou por Secretariado Executivo pela abrangência do curso antes de tentar moda. Miguel estagiava no Instituto Federal de Sergipe – IFS, ele estava realizando a disciplina de TCC 2 e estava no último período do curso; ele também pretendia seguir a carreira acadêmica.

Joana, a última entrevistada, tinha 36 anos, e era formada em Letras - Espanhol pela UFS e morava em Aracaju. O Secretariado Executivo era a sua segunda graduação, contudo, no começo ela queria cursar Administração e na entrevista ela disse: "não escolhi o curso de Secretariado, ele que me escolheu". Joana trabalhava como vendedora com carga horária de 44 horas semanais, e também fazia estágio obrigatório à noite na UFS. Ela estava no oitavo período fazendo a disciplina de TCC 1 e se formaria no período seguinte; não pretendia fazer mestrado ou especialização.

Todos os entrevistados ingressaram no curso de Secretariado Executivo em 2018, à época da pesquisa, eles estavam no final da graduação e na entrevista expuseram as suas crenças e práticas sobre a leitura acadêmica, como veremos na próxima seção.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os participantes da pesquisa foram três discentes do curso de Secretariado Executivo da UFS da turma de 2018, sendo duas mulheres (Paola e Joana) e um homem (Miguel). Durante a entrevista foi possível notar que todos os entrevistados gostavam de ler, e, apesar de alguns entraves, acreditavam que possuíam uma boa relação com a leitura acadêmica.

Com o objetivo de mapear as crenças e práticas de leitura acadêmica, os quadros a seguir apresentam as repostas dos alunos entrevistados.

QUADRO 1 - CRENÇAS DE LEITURA ACADÊMICA PARTE 1/4

Crenças
Você acredita que a sua percepção sobre leitura acadêmica mudou quando você entrou no curso?
PAOLA: Ah com certeza, disso eu não tenho dúvida. Eu sempre costumo muito ler, sempre fui muito a favor da educação, admirei as pessoas doutas, cultas, e sempre li e fui apaixonada por ler, mas muitas vezes eu preferia literatura, ficção científica. Então quando eu vim para academia, a gente tem as ementas, os conteúdos e as referências complementares a gente sempre tem que ter o cuidado de ter a percepção de outros assuntos, porque a sala de aula não dá para você ver tudo[...] Para você ser um profissional de Secretariado e estar atualizado você tem que acompanhar as produções também.

MIGUEL: Totalmente, porque eu não tinha contato com artigos nem nada científico, então foi da água para o vinho.
JOANA: Mudou um pouco, porque com o passar dos anos e o hábito de pegar sempre essas leituras a gente vai se familiarizando inclusive até com o vocabulário [...].
Você acredita que o seu hábito de leitura acadêmica aumentou, diminuiu ou manteve-se estável a cada período do curso?
PAOLA: [...] hoje como estou só com o TCC, eu acredito que estou lendo bem menos.
MIGUEL: [...] fui começando a ler mais pela necessidade de entendimento sobre os assuntos relacionados às disciplinas.
JOANA: Acho que estável [...].

FONTE: Informações colhidas nas entrevistas, 2022.

Pelas respostas do Quadro 1, os discentes acreditavam que o contato direto com materiais acadêmicos, artigos científicos e a necessidade de se aprofundar nos assuntos da área mudaram a percepção deles sobre a leitura acadêmica.

Com isso, constata-se que o conjunto de crenças dos alunos é ampliado e alterado ao adentrarem a universidade em virtude das novas experiências, relações e visões que o ensino superior proporciona; um exemplo disso é que a prática de utilizar materiais acadêmicos mudou o conceito que os entrevistados possuíam de leitura. Isso se justifica porque as crenças são dinâmicas e podem surgir ou mudar com o tempo, situações e vivências (BARCELOS, 2007).

Quando questionamos se houve alteração no hábito de leitura acadêmica dos entrevistados, obtivemos respostas distintas. Percebe-se, portanto, que isso varia de aluno para aluno em virtude da bagagem cultural, do conjunto de crenças, da importância que eles atribuíam à leitura, dos objetivos que almejavam alcançar, assim como a motivação e a iniciativa própria de ler, conforme observado em outras respostas durante a entrevista. Além disso, outros fatores podem ter influenciado na prática de leitura, como o histórico de vida de cada um dos entrevistados, a idade, a rotina e dentre outros.

No Quadro 2, a seguir objetivávamos identificar se os discentes foram incentivados a ler durante o curso, bem como quais os materiais acadêmicos que tinham o hábito de ler.

QUADRO 2- CRENÇAS DE LEITURA ACADÊMICA PARTE 2/4

Crenças	**Práticas De Leitura**
Você se sentiu incentivado (a) a ler durante a graduação?	**Que tipos de materiais você costuma ler na universidade?**
PAOLA: Creio que sim, o meu primeiro período mesmo foi muito marcante com as disciplinas de produção e recepção de texto, português instrumental onde a gente sempre foi estimulada a ler, a fazer resenha de livros, a ver a compreensão do texto, e a produzir texto [...]	PAOLA: Ultimamente com a pandemia eu estou lendo muito artigo e periódicos de revistas, mas quando estava ativa na universidade eu sempre gostava de pegar livros (na biblioteca) [...].

MIGUEL: Sim, tanto pelos professores quanto por mim mesmo [...].	MIGUEL: Artigos e TCCs da minha área e de outras áreas.
JOANA: Pelos professores sim, eles sempre indicavam não só a leitura da disciplina, mas eles indicavam outras leituras também para que a gente fizesse, eu tive incentivo dos professores.	JOANA: Mais as disciplinas dos professores, os artigos que eles passam.
Práticas De Leitura	
Durante a graduação você leu mais livros inteiros ou trechos?	
PAOLA: Eu acredito que li mais livros inteiros.	
MIGUEL: Trechos e digitais.	
JOANA: Apenas trechos de livros e eram digitais, porque também não busquei muito livro na biblioteca.	

FONTE: Informações colhidas nas entrevistas, 2022.

As respostas do Quadro 2 evidenciam que os docentes do curso de Secretariado Executivo estimularam a leitura acadêmica e não era incentivo o que faltava para os alunos desenvolverem e manterem a prática de leitura, pois todos os entrevistados acreditavam que foram incentivados a ler pelos professores durante o curso.

Observa-se que nos Quadros 1 e 2 a entrevistada Paola tinha uma percepção diferente dos demais sobre a leitura acadêmica. Em relação à prática leitora, os discentes tinham o hábito de ler artigos, periódicos e livros. Além disso, eles costumavam ler versões digitais desses textos - até mesmo Paola e Joana que preferiam os materiais impressos.

Desse modo, verifica-se que, por mais que alguns alunos ainda preferiam ler versões físicas, na prática, eles liam mais no formato digital tanto os artigos de periódicos como os livros, e provavelmente esse hábito foi intensificado com a pandemia da COVID 19 em que o acesso às bibliotecas estava restrito.

Investigamos, também, sobre a prática de ler as referências da ementa das disciplinas, notamos as crenças e práticas descritas no Quadro 3.

QUADRO 3 - CRENÇAS DE LEITURA ACADÊMICA PARTE 3/4

Crenças	**Práticas De Leitura**
Você tem o hábito de ler as referências da ementa das disciplinas e as sugeridas pelos professores?	
PAOLA: [...] o professor apesar de ele se esforçar muito, ele não dá 100%, para chegar nos 100% é o aluno.	PAOLA: Sim, eu sempre tenho, sempre fui curiosa para querer saber mais [...].
	MIGUEL: Quando tinha tempo e quando lembrava.
JOANA: Não, porque o que os professores passam em sala de aula já ocupa bastante o nosso tempo [...]o trabalho acaba influenciando no tempo de leitura.	JOANA: Não.

FONTE: Informações colhidas nas entrevistas, 2022.

Na fala de Paola: "o professor apesar de ele se esforçar muito, ele não dá 100%, para chegar nos 100% é o aluno" temos um exemplo de crença que possivelmente foi adquirida ao longo de sua vida estudantil, dado que as pessoas reproduzem que os docentes não conseguem passar todo o conhecimento necessário e o estudante precisa fazer a sua parte, estudando além da sala de aula. Ao longo da entrevista, observou-se que esta crença exerceu forte influência sobre o comportamento acadêmico de Paola. Ela citou a curiosidade de saber mais, a iniciativa de buscar novos conhecimentos, até mesmo sobre outras áreas. Além disso, passou a ler as ementas das disciplinas, referências complementares e acompanhar as produções da área secretarial inclusive, participando da pesquisa PIBIC.

Portanto, Paola era a única que costumava realizar leituras das referências da ementa das disciplinas e as sugeridas pelos professores; já Miguel falou que lia apenas quando tinha tempo e lembrava, e Joana explicou que não leu por falta de tempo. Logo, para Miguel e Joana tratava-se de uma leitura restrita ao que era solicitado em sala de aula para atividades, trabalhos e provas, pois eles não buscavam outras leituras, assim como não costumavam ler as referências das ementas com a justificativa de que a carência desta prática era a falta de tempo.

No entanto, contribui para melhor desempenho dos estudantes o hábito de ler as referências previstas nas ementas das disciplinas, uma vez que "entre os fatores que coexistem na produção do êxito ou do fracasso escolar, em qualquer nível de ensino, os relacionados à competência em ler os textos previstos para estudo afetam frequentemente os níveis de desempenho dos alunos" (TANZAWA; PULLIN, 2012**,** p. 266).

Buscamos, ainda, compreender como eles consideram o tempo dedicado à leitura acadêmica, visto que, segundo Souza (2017), o único caminho para estabelecer o hábito da leitura é ler com frequência.

QUADRO 4 - CRENÇAS E PRÁTICAS DE LEITURA ACADÊMICA PARTE 4/4

Crenças	**Práticas De Leitura**
Como você considera o seu tempo dedicado à leitura acadêmica?	**Com que frequência você lê os materiais acadêmicos?**
PAOLA: Eu acredito que é satisfatório, em alguns momentos eu poderia me dedicar mais, mas quando eu tiro para ler, para estudar eu acredito que é satisfatório.	PAOLA: De três a quatro dias por semana. Geralmente eu estudo de oito a nove horas cada dia, mas têm dias que eu estudo mais, o máximo que já cheguei foi 11 horas.
MIGUEL: Proporcional à necessidade.	MIGUEL: Depende da necessidade, por conta do TCC estou lendo dia sim dia não. Em relação às horas diárias depende também do meu tempo no dia, não é nada certo, mas é em média duas horas.

JOANA: Não é um tempo bom, poderia ser melhor, como eu trabalho isso acaba influenciando chego cansada do trabalho tem momentos que se for começar a ler vai dar sono, então eu procuro ler pela manhã, feriado à tarde, eu uso horários estratégicos para fazer a leitura, porque não é o suficiente.	JOANA: Uns três dias na semana, geralmente eu tiro duas horas para ler cada dia.

FONTE: Informações colhidas nas entrevistas, 2022.

Percebe-se que dentre os entrevistados, Paola era a que dedicava mais tempo à leitura acadêmica: ela estudava em média um terço do dia e de três a quatro vezes por semana; por isso, ela acreditava que o tempo dedicado à leitura era satisfatório, ou seja, essa crença dela é influenciada pela prática, visto que as crenças influenciam as ações e também podem ser influenciadas por elas (BARCELOS, 2004).

Por outro lado, Miguel e Joana costumavam ler duas horas nos dias que tiravam para estudar. Isto é, eles possuíam a mesma prática, no entanto tinham crenças distintas sobre como consideravam o tempo dedicado à leitura. Miguel acreditava que era proporcional à necessidade, enquanto Joana acreditava não ser um tempo bom e atribuía isso ao cansaço provocado pelo trabalho.

Assim, constata-se pelas respostas acima, do quadro 3, que a crença dos alunos sobre o tempo destinado à leitura acadêmica variava de um para o outro, mesmo quando essas práticas eram equivalentes. Por outro lado, esse tempo de leitura também pode ter sido influenciado pela rotina de cada um, ou seja, dentro da realidade distinta deles, essa era a percepção que eles tinham acerca do seu respectivo tempo de leitura.

Conclui-se, também, que as crenças dos entrevistados apresentadas no quadro 4 influenciavam a prática de leitura acadêmica deles. Por exemplo, quando o discente acreditava que ler duas horas durante quatro dias na semana era proporcional à sua necessidade, ele não possuía motivação para expandir essa prática de leitura, visto que já lia o que considerava necessário - tal como ocorreu com Miguel.

A frequência leitora de Joana poderia ser maior, uma vez que ela reconheceu a necessidade de melhorar, mas além da falta de tempo, dado que ela trabalhava 44 horas semanais, havia outros obstáculos que a impediu de ampliar sua prática de leitura, conforme relatado em outras perguntas durante a entrevista, como: desmotivação, dificuldade de compreensão e leituras não atrativas.

Observamos também que os alunos utilizaram algumas estratégias de leitura que contribuíram para a prática leitora, conforme Quadro 5.

QUADRO 5 - ESTRATÉGIAS DE LEITURA

Como você lê?
PAOLA: Quando é algo acadêmico eu primeiro faço uma leitura exploratória bem rápida, e na segunda leitura eu começo a fazer um fichamento já fazendo umas anotações das coisas mais importantes, porque geralmente quando tem algo importante sempre guardo, porque eu posso usar mais à frente.
MIGUEL: Na leitura acadêmica leio grifando para marcar as partes importantes [...] se for algo, por exemplo, com foco para escrever, no TCC, por exemplo, marcando para depois transcrever, marcando as partes importantes e ver o que pode ser insumo para alguma coisa futura.
JOANA: Eu costumo ler em voz alta, consigo assimilar melhor o conteúdo, eu sei que a maioria prefere a leitura silenciosa, mas quando eu leio alto é como se alguém estivesse lendo para mim, então eu consigo assimilar melhor as informações. Eu leio duas vezes o texto para compreender melhor, porém eu não começo do início ao fim e depois retomo do início ao fim [...] eu leio por parágrafo, leio aquele parágrafo e depois leio novamente para poder fixar melhor.
Você costuma fazer leitura analítica, isto é, ler o texto, compreender as partes essenciais e conseguir explicá-lo com suas próprias palavras?
PAOLA: Sim, sempre. Acho que isso é uma das minhas qualidades, eu sempre procuro explicar da minha forma para poder assimilar melhor o conhecimento, às vezes se eu não fizer isso eu esqueço com mais facilidade.
MIGUEL: Sim, porque você só consegue entender uma coisa quando consegue explicar ela, você não pode ler uma coisa e de dizer: eu entendi e quando vai passar para uma pessoa não saber explicar, você não entendeu você leu.
JOANA: Quando necessário eu faço isso, quando é exigida alguma apresentação em sala ou processo de avaliação, conteúdo de prova então procuro fazer isso, porque se eu não for falar, mas tenho que escrever sobre o que eu compreendi do texto na prova.

FONTE: Informações colhidas nas entrevistas, 2022.

Sabe-se que a forma como lemos influencia o aprendizado e cada um tem a sua maneira de ler. Nota-se que os entrevistados utilizavam algumas estratégias na prática leitora como fichamento, leitura analítica e ativa, as quais podem ser utilizadas nos mais diversos modelos de leitura. Especificamente, "as estratégias de leitura, especificamente, caracterizam-se por serem planos flexíveis que os leitores usam, adaptados aos diferentes tipos de textos" (CANTALICE; OLIVEIRA, 2009, p. 228) e contribuem para a compreensão textual.

A entrevistada Paola relatou também que costumava fazer duas leituras, a primeira exploratória e a segunda fichando e anotando as partes que considerava relevante, justificando essa prática com a crença de que poderia utilizá-las depois, como evidenciado na fala: "[...] porque geralmente quando tem algo importante sempre guardo, porque eu posso usar mais à frente". Essa estratégia de Paola ajudava na compreensão leitora, posto que, segundo Souza (2017) anotar é a maneira de refletir imediatamente sobre o que está estudando.

Observa-se que essas práticas de leitura são fundamentadas em crenças. Por exemplo: os três discentes tinham a prática de fazer leitura analítica, Paola porque acreditava que assimilava melhor e não esquecia fácil. Miguel, por sua vez achava que "você só consegue entender uma coisa quando consegue explicar ela" e, por fim, Joana acreditava que a leitura analítica ajudava a falar ou escrever sobre o que compreendeu. Nesse sentido, Souza (2017) explica que esse tipo de leitura é a mais completa e tem como objetivo principal entender o conteúdo como um todo, pois consegue revelar as ideias principais do texto.

Ainda dentro da categoria práticas de leitura há também alguns princípios, que em conjunto com as estratégias, auxiliam na construção do hábito de leitura, conforme se observa no Quadro 6.

QUADRO 6 - PRINCÍPIOS DA LEITURA

O que te motiva a ler?
PAOLA: Acho que conhecimento, porque o conhecimento não tem como você comprar, compra o livro, mas o que está dentro dele não. Então o que me motiva a ler é sempre o conhecimento, ter a certeza que aquilo que você está lendo aqui e agora lá na frente pode usar para a sua vida, você pode mudar a sua vida também, porque a leitura é isso, é moldar a vida para mim eu vejo como isso e também saber transitar em vários assuntos seja política, economia, seja secretariado. Para mim o que me motiva é isso é eu conseguir transitar por diversos campos.
MIGUEL: A necessidade de aprender sobre o assunto.
JOANA: A busca pelo conhecimento de compreender aquela disciplina, porque eu sei que esses conteúdos eu vou precisar na prática quando for começar a trabalhar.
Você costuma ter claro em mente os objetivos que pretende alcançar com a leitura quando vai ler algo?
PAOLA: Geralmente sim, um exemplo, agora eu estou fazendo TCC e o meu objetivo com a leitura é entender as coisas, o que acontecem para depois vir e escrever aquilo que eu aprendi e contestar com a minha realidade digamos assim. [...] Quando eu pego um artigo, o material de alguma revista o meu objetivo é compreender mais a fundo aquilo para realmente saber a raiz daquilo.
MIGUEL: Sim, por exemplo, acabei de passar uns artigos para fazer mais uma subseção no meu TCC e meu objetivo é conseguir insumo para aplicar nesta subseção, colocar autores que tenham relação com a área e eu consiga embasar.
JOANA: Eu nunca tinha parado para pensar sobre essa ótica de já ler com um propósito, eu simplesmente leio, não faço planos para leitura só pretendo compreender o que estou lendo.
Você tem facilidade em se concentrar na leitura acadêmica?
PAOLA: Eu sempre faço de duas a três leituras, a primeira nunca é fácil para mim. Às vezes quando o texto já começa de maneira atrativa que me prende a atenção é bem mais rápida a leitura, mas quando não eu sempre tenho que ler uma segunda vez sim, porque uma vez só não é suficiente para mim.
MIGUEL: Às vezes, porque eu gosto de fazer várias coisas ao mesmo tempo e quando é preciso focar em uma coisa só, nem sempre é fácil se concentrar, tipo desacelerar.
JOANA: Não, só se tiver ambiente silencioso, com barulho fica muito complicado, porque dispersa a atenção.
Você tem o hábito de concluir o que está lendo?
PAOLA: Sim, sempre. Às vezes o artigo não traz um atrativo legal inicialmente, mas pelo título ou quando você lê o resumo inicial tem algo que me chama a atenção, então eu sempre quero ver o que aconteceu. Geralmente vejo muitos artigos com entrevistas, então eu gosto de ver a computação de dados, como foi feito, então eu sempre procuro sim terminar mesmo que a primeira leitura não tenha me prendido, porque sempre há algo que você pode extrair.

MIGUEL: Se eu sentir que a leitura é ruim ou que não vai me agregar em nada ou, por exemplo, tem muito erro de português, erro de concordância que não vai servir para eu fazer nada eu não leio, mas a partir do momento que eu vejo que aquele texto vai ser interessante para mim, concluo normalmente.
JOANA: Depende da leitura, do material a ser lido, se for uma leitura que eu não esteja compreendendo, então eu não tenho muita motivação e acabo deixando pela metade.

FONTE: Informações colhidas nas entrevistas, 2022.

Nessas respostas do Quadro 6 é possível observar os 4 princípios de leitura mencionados por Souza (2017): intenção/interesse, objetivo, concentração e determinação.

Nota-se que o interesse dos entrevistados com a leitura acadêmica era a aquisição de conhecimento, então eles reconheciam e acreditavam que a leitura acadêmica poderia provocar e proporcionar o aprendizado. Além da intenção, é essencial estabelecer objetivos, isto é, entender a finalidade da sua leitura que colaborará para a prática leitora.

No âmbito do ensino, é bom que os estudantes aprendam a ler com diferentes intenções para alcançar objetivos diversos, visto que além de aprenderem a ativar um grande número de estratégias, aprendem que a leitura pode ser útil para muitas finalidades (SOLÉ, 2008). Percebe-se que Paola e Miguel costumavam definir os propósitos quando iam ler algo, porém Joana afirmou nunca ter pensado em defini-los; ao mesmo tempo, explicou que o seu objetivo era compreender o que lia. De acordo com Souza (2017), o objetivo de leitura muda com o tempo ou com a situação, mas é imprescindível ter bem claro em mente o motivo principal para a sua leitura.

O terceiro princípio é a concentração e todos os entrevistados disseram ter dificuldade em se concentrar na leitura; esse é um princípio fundamental para o êxito na prática leitora. Miguel explicou que não conseguia se concentrar com facilidade, porque gostava de fazer várias coisas ao mesmo tempo, corroborando assim com o pensamento de Souza (2017) - quanto mais atividades paralelas você estiver fazendo, menor será sua capacidade de se concentrar, visto que quando executamos várias tarefas não conseguimos prestar atenção em todas ao mesmo tempo.

Por outro lado, Joana falou da dificuldade de se concentrar quando havia barulho e sobre isso Souza (2017) aconselha eliminar as distrações internas antes de começar a leitura. O último princípio é a determinação de concluir o que se está lendo, e apenas Paola tinha a prática de ler o texto completo independente se era atrativo, pois acreditava que sempre poderia extrair-lhe algo. Já Miguel e Joana só as concluíam se a leitura fosse interessante, compreensível e estimulante.

Os entrevistados falaram também sobre a dificuldade de compreender alguns materiais acadêmicos, como veremos a seguir.

QUADRO 7 - DIFICULDADE DE COMPREENSÃO

Como é a sua compreensão leitora?
PAOLA: Bom, se for da minha área a compreensão... não é difícil, mas às vezes você encontra alguns termos que você não está muito apto a ver, e acaba tendo que recorrer a dicionários, isso é uma coisa que a gente sempre usa - um dicionário seja online ou seja o impresso mesmo, porque muitas das vezes tem alguns artigos científicos que não é de fácil compreensão, então a gente sempre tem que recorrer ao dicionário para conseguir assimilar tudo.
MIGUEL: Depende do assunto, é relativo. Acredito que eu compreendo bem, porque eu assimilo o que li.
JOANA: Alguns eu compreendo bem, outros eu tenho dificuldades, acho que é um meio termo eu não consigo compreender bem todos, mas tem outros que consigo.
Como você reage diante de textos complexos que você não tem afinidade com o assunto?
PAOLA: Recorro ao dicionário, mas quando eu quero me aprofundar no assunto eu sempre leio o texto uma vez, não entendi, leio uma segunda vez [...] e quando o texto é muito difícil leio por uma terceira vez justamente para grifar aquilo que é mais importante. Até depois mesmo que você consulta o dicionário que você coloca as palavras lá, quando você lê de uma terceira vez a compreensão já vem 90%.
MIGUEL: Faço alguma pesquisa em cima daquilo que não estou compreendendo.
JOANA: Eu fico um pouco frustrada, porque às vezes tem assuntos que eu quero entender e não consigo, como por exemplo, na disciplina de filosofia tinham os filósofos que eram passados à leitura e muita leitura eu não compreendia o que o autor queria dizer. Então, isso meio que me frustrava um pouco durante as leituras por não compreender o material. **O que você fazia para tentar compreendê-los?** Especificamente nessa disciplina eu busquei vídeos na internet de comentários de críticos que já fizeram essas leituras e explicavam de uma forma mais clara, eu procurava outros métodos de apoio para compreender a leitura.

FONTE: Informações colhidas nas entrevistas, 2022.

Mesmo utilizando estratégias e princípios de leitura, constatou-se nas respostas das perguntas do Quadro 7 que os entrevistados possuíam dificuldade de compreensão na leitura de alguns materiais acadêmicos devido a termos técnicos, jargões, linguagem difícil, leitura longa e cansativa. Isso atesta o julgamento de Correia e Abreu (2020, p. 33): "livros e artigos científicos intimidam os jovens leitores da Academia, não apenas pelo excesso de terminologia, mas, principalmente, pelo estilo rebuscado, frases mal construídas e ausência total de apelo estético".

Em vista disso, Paola falou sobre os artigos científicos de difícil compreensão, e o hábito de sempre utilizar dicionário para compreendê-los. Neste aspecto, Pinker (2016) é a favor dos estudantes utilizarem o dicionário quando leem, principalmente aqueles que desejam ser escritores e ainda explica que os escritores deveriam sentir-se à vontade em remeter os leitores a consultá-los, se a palavra tiver sentido adequado.

No que tange à prática dos discentes em relação a textos complexos, percebe-se que Paola reagia diferentemente dos demais. No caso dela, o hábito de recorrer ao dicionário e ler três vezes era influenciado pela sua crença de que assim sua compreensão melhorava quase 100% - caso ela não acreditasse nisso, não utilizaria essa estratégia. Já Miguel e Joana possuíam uma prática semelhante, pois faziam pesquisas sobre aquilo que não compreendiam.

Por fim, resumidamente, conforme relados dos discentes sobre a leitura acadêmica destacam-se: a leitura é indispensável para acadêmicos, alguns materiais não despertam interesse, o acesso a textos científicos mudou a percepção sobre a leitura, dependendo do assunto, leem por iniciativa própria ou por serem obrigados, os professores os incentivaram a ler e o trabalho influencia no tempo de leitura.

Descrevem-se também as práticas de leitura acadêmica dos entrevistados: Paola leu muitos artigos e periódicos de revista na pandemia, em relação a livros ela os leu por completo, leu as referências das ementas das disciplinas e a frequência leitora era de três a quatro vezes por semana com oito horas de estudo cada dia. Já Miguel leu artigos e TCCs, não leu livros inteiros - apenas trechos, não costumava ler as referências sugeridas pelos docentes e tinha o hábito de ler duas horas dia sim dia não. Enquanto isso, Joana leu somente as leituras indicadas pelos professores para atividades e trabalhos, não leu livros inteiros, apenas trechos, não costumava ler as ementas das disciplinas e tinha a prática de ler duas horas durante três vezes na semana.

Conclui-se que os entrevistados possuíam, na maioria das vezes, crenças e práticas leitoras distintas, conforme seus objetivos e realidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Averiguamos que há uma relação de influência entre as crenças e as práticas de leitura acadêmica, sendo a segunda, predominantemente, influenciada pela primeira. No entanto, observou-se também que há casos em que a prática influencia a crença. Os discentes acreditavam que a leitura acadêmica proporcionava o aprendizado, eles tinham consciência da relevância da mesma em sua formação e atuação profissional. Esta crença além de nortear o comportamento dos estudantes provocava a busca por novos conhecimentos tanto que na pergunta: o que te motiva a ler? As respostas foram unânimes – o conhecimento.

A partir do levantamento teórico realizado, notou-se que a prática de leitura pode ser estimulada aos poucos, começando com assuntos e materiais de interesse do leitor quanto à frequência. Pode começar lendo de duas a três vezes por semana até tornar-se um hábito, sendo cada vez mais frequente em sua vida, pois não basta ler mais - é preciso querer e desenvolver o interesse pela leitura (SOUZA, 2017).

O importante é ter o hábito de ler, e, aos poucos evoluir para a prática de leitura por prazer, para obter informação e, sobretudo, para aprender. Com o tempo e exercício, a prática de leitura acadêmica também se torna prazerosa. Da mesma forma, estabelecer objetivos, estratégias e cumpri-los também ajudam a criar, desenvolver e manter a frequência leitora.

Os entrevistados acreditavam ter sidos incentivados a ler durante a graduação pelos professores; porém, havia outros fatores os quais frustravam e desmotivavam os acadêmicos que não conseguiam compreender a leitura, tal como excesso de formalidade, os jargões, a linguagem rebuscada, a leitura densa, bem como a falta de tempo – todos entendidos como empecilhos para não se ler além do que era solicitado em aula.

Portanto, ficou demonstrado que os estudantes possuíam dificuldade de compreensão com alguns textos, pois os entrevistados relataram acreditar que não conseguiam compreender todas as leituras, devido aos materiais científicos de difícil compreensão. Então, para tentar entendê-los, Paola tinha o hábito de recorrer ao dicionário, enquanto Miguel e Joana pesquisavam em outras fontes, eles, ainda, disseram que não tinham o hábito de ler textos científicos antes de entrar no curso. Logo, a leitura de materiais acadêmicos, inicialmente, é um desafio para o universitário, por haver textos longos, muito teóricos e com vocabulários incomuns, além da maioria dos discentes não ter contato com este tipo material até ingressar no ensino superior.

Por fim, a pesquisa demonstrou que os entrevistados possuíam crenças sobre a leitura acadêmica, e que elas influenciavam as suas práticas leitoras de maneira que eles nem percebiam que aquelas ações eram influenciadas pelo que eles acreditavam.

Uma limitação deste estudo foi o perfil dos entrevistados, uma vez que trabalhamos apenas com três discentes da turma de 2018 do curso de Secretariado Executivo. Sugerimos para pesquisas futuras ampliar e diversificar o universo da pesquisa; e assim obter uma visão mais completa sobre as crenças e as práticas de leitura acadêmica dos alunos nesse curso e até mesmo em outros cursos. Observou-se que o prazer pela leitura acadêmica não apareceu nas

respostas dos entrevistados, desse modo ao mesmo tempo em que, se constitui uma limitação para este estudo, torna-se um tema para pesquisas futuras que poderão explorar como a leitura acadêmica também pode ser prazerosa.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. D. A. A leitura em sala de aula e as crenças de professores e alunos sobre tal competência. **Revista de letras**, v. 7, n. 1, 2014. Não paginado. Disponível em: https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/4744. Acesso em: 04 out. 2021.

AZEVEDO, G. X.; LEMOS, C. T. Sistemas de crenças: uma conceituação. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 43, n. 2, p. 237 –255, 2018b. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp. Acesso em: 27 set. 2021.

BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, linguística aplicada e ensino de línguas. **Revista Linguagem e Ensino**, Pelotas: UCPel, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15586/9773. Acesso em: 27 set. 2021.

BARCELOS, A. M. F. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbla/a/qfzDkyppVRGDMQWCGm6K9SQ/?lang=pt. Acesso em: 27 set. 2021.

BRASIL. Lei nº 7.377, de 30 de setembro de 1985. Dispõe sobre o exercício da profissão de secretário, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 1 out. 1985. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-7377-30-setembro-1985-356167-publicacaooriginal-1-pl.html. Acesso em: 01 set. 2021.

CANTALICE, L. M; OLIVEIRA, K. L. Estratégias de leitura e compreensão textual em universitários. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 13, n. 2, p. 227-234, jul/dez 2009. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-85572009000200004.Acesso em: 17 set. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

GUERRA, E. L. A. **Manual pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo anima educação, 2014. 47 p.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura:** teoria e prática. 9º ed. São Paulo: Pontes, 2002. 102 p.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e Compreender:** os sentidos do texto. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008. 215 p.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 310 p.

NASCIMENTO, N. M.; OLIVEIRA, F. E.; OLIVEIRA, M. N.; crenças sobre o ensino-aprendizagem de línguas: um panorama das dissertações produzidas no brasil. **Revista Trama**, v. 16, n. 37, p. 71- 83, 2020. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/23691/1522. Acesso em: 06 out. 2021.

NEVES, G. A. Crenças socioculturais de alunos e suas influências no processo de ensino/aprendizagem da língua inglesa. **VII CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA,** 2004. *Não paginado.* Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CBLA_VII/pdf/055_neves.pdf. Acesso em: 27 set. 2021.

PINKER, S. **Guia de Escrita:** como conceber um texto com clareza, precisão e elegância. São Paulo: Contexto, 2016. 256 p.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C**. Metodologia do trabalho científico:** Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013, 276 p. *E-book.* Disponível em: https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf Acesso em: 09 ago. 2021.

SANTOS, S. J. B. A importância da leitura no ensino superior. **Revista de educação**, v. 9, n. 9, p. 77- 83, 2006. Disponível em: https://revista.pgsskroton.com/educ/article/view/2176. Acesso em: 23 out. 2021

SHERMER, M. **Cérebro e Crença**. Tradução de Eliana Rocha. São Paulo: JSN Editora, 2012. *E-book. Não paginado*. Disponível em: https://pt.br1lib.org/book/2370931/1df89d. Acesso em: 05 jan. 2022.

SILVA, J. A. Discutindo sobre leitura. **Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras-UNIFAP,** v. 1, n. 1, p. 22-35, 2011. Disponível em: https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/viewFile/326/n1jose.pdf. Acesso em: 17 out. 2021.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.194 p.

SOUZA, I. **Estratégias de leitura para ler e compreender melhor.** São Paulo, 2017, 80p. *E-book. Não paginado.* Disponível em: https://br1lib.org/book/5613750/9350f2. Acesso em: 04 dez. 2021.

TANZAWA, E. C. L.; PULLIN, E. M. M. P. Leituras prescritas e práticas de leitura de estudo no ensino superior. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 265-274, jul./dez. 2012. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/pee/a/qx4gnfhy3vs4qGBXqyZ9R5B/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 06 out. 2021.

ZAMBELLO, A. V.; *et al*. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Penápolis: Funepe, 2018. 96 p. *E-book.*